



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2007

Arte-Antropologia: representações e estratégias

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/50460>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitora - Suely Vilela

Vice-Reitor - Franco Maria Lajolo

Pró-Reitora de Graduação - Selma Garrido Pimenta

Pró-Reitor de Pós-Graduação - Armando Corbani Ferraz

Pró-Reitora de Pesquisa - Mayana Zatz

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária - Sedi Hirano

Secretária Geral - Maria Fidela de Lima Navarro

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora - Lisbeth Rebollo Gonçalves

Vice Diretora - Helouise Costa

Div. Téc.- Científica de Acervo - Paulo Roberto Amaral Barbosa

Div. Téc.-Científica de Educ. e Arte - Carmen S. G. Aranha

Div. de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica - Cristina Freire

Divisão Administrativa - Ana Maria Farinha

Biblioteca Lourival Gomes Machado - Lauci Bortoluci

CONSELHO DELIBERATIVO DO MAC USP

Carmen Aranha; Helouise Costa; Katia Canton; Lisbeth

Rebollo Gonçalves; Cristina Freire; Raquel Glezer; Paulo

Marcos Donate; Paulo Roberto Amaral Barbosa; Sérgio

Miranda; Sylvio Barros Sawaya; Rosa Iavelberg.

Exposição: Arte-Antropologia

Curadoria: Cristina Freire e Helouise Costa

Apoio à Pesquisa: Angélica Lima; Jessé Chahad (bolsistas
PIBIC-CNPq)

Evento integrante da VI Semana dos Museus da USP



museus hoje
desafios da contemporaneidade

VI semana dos museus
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP MAC

De 18 de maio a 19 de agosto de 2007

MAC USP Sede • www.mac.usp.br

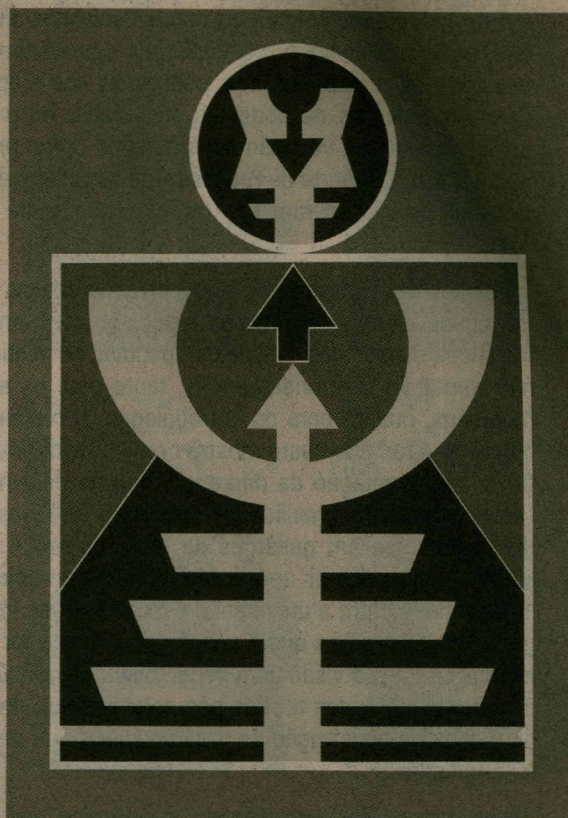
Rua da Reitoria, 160 - Cidade Universitária - SP • Tel.: 3091 3039

Terça a sexta-feira, das 10h às 18h • Sábados, domingos e feriados, das 10h às 16h.
entrada gratuita

Apoio _____

Fundo de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária
Associação dos Amigos do MAC

Rubem Valentim,
Emblema I, 1989



Cristina Freire e Helouise Costa

Uma visada histórica possibilita-nos perceber que as aproximações entre Arte e Antropologia remontam ao século 19, período de constituição da Antropologia como área de conhecimento. A arte, assim como a nova ciência do Homem, não passaria incólume ao confronto com o Outro, resultante da expansão colonialista. O paradigma do "Artista como Etnógrafo" foi sistematizado por Hal Foster no final dos anos 1990 em suas reflexões sobre a arte contemporânea. A Antropologia, explica o autor, é contextual em sua própria natureza. Intrinsecamente interdisciplinar, volta-se para o estudo do Outro. Sem dúvida, nas últimas décadas a arte tem se aproximado, cada vez mais, de temas, indagações e procedimentos que durante muito tempo pertenceram exclusivamente ao universo da Antropologia.

Esta exposição busca identificar, a partir do acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP, **representações e estratégias** artísticas que se filiam ao campo da Antropologia por meio da problematização da alteridade. Não se trata de propor uma leitura antropológica da arte, muito menos abordar as confluências

e conflitos históricos existentes entre as duas áreas. Arte e Antropologia são entendidas como disciplinas distintas que, ao intercambiarem preocupações e procedimentos, são capazes de oferecer uma visão mais rica e aprofundada das relações de poder na sociedade. As práticas artísticas, por sua vez, são consideradas como práticas sociais, isto é, suporte de **representações** coletivas e/ou **estratégias** que operam em um meio que funde arte e vida.

No campo das **representações**, a arte materializa visões de mundo de diferentes grupos sociais em momentos históricos específicos. Nessa perspectiva, as políticas de representação são fundamentais, tanto para os artistas modernos, quanto para os antropólogos. O modernismo brasileiro é tomado nesta mostra como o lugar privilegiado da representação da diferença, próprio de uma elite sócio-cultural. A "brasilidade" buscada por esses artistas baseava-se em questões de raça, gênero e classe social, para construir uma certa identidade nacional. A ambigüidade entre o universal e o local aparece em imagens idealizadas nas quais a visão do colonizador torna-se explícita. Essa visão vem sendo discutida nas últimas décadas a partir das teorias pós-coloniais que analisam os modos de construção de um imaginário que perpetua a dominação.

Já no campo das **estratégias**, a dinâmica das forças sociais, a crítica à ideologia, as práticas do espaço e a vivência do tempo, seriam os referenciais para os artistas que se valem em seus trabalhos de instrumentos tradicionais da Antropologia, como diários de campo, entrevistas e questionários. Nessa perspectiva, a avaliação crítica do ambiente é necessária, tanto para o artista contemporâneo, quanto para o antropólogo. A resistência da arte dos anos 60 e 70 à lógica do mercado, em sintonia com os movimentos libertários, é propulsora desse tipo de pensamento. Isso significa dizer que o ambiente físico, cultural e social, as experiências comuns, as redes de trocas sociais, a linguagem e seus sentidos implícitos estruturam as obras destes artistas.

Das representações às estratégias esta exposição transita entre o moderno e o contemporâneo sem esquecer que as obras pertencentes ao acervo de um museu trazem as marcas históricas das negociações, dos conflitos e das contradições que possibilitaram a sua institucionalização.